

Aquisição de Aspectos Morfossintáticos da Flexão Verbal na Interlíngua do Inglês como L2

Marisa Mendonça Carneiro¹ (FALE – UFMG)

Introdução

O uso inconsistente de morfemas de flexão é um problema persistente entre aprendizes de segunda língua, e ocorre independentemente da língua materna ou nível de proficiência do aprendiz. Uma possível explicação para este fato pode ser encontrada na Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície, que sugere que um problema de mapeamento está envolvido, ao invés de uma falha na representação gramatical abstrata da interlíngua do aprendiz.

O presente trabalho, projeto de mestrado em desenvolvimento pelo Programa em Estudos Lingüísticos (POSLIN) da Faculdade de Letras da UFMG, apresenta considerações teóricas e dados preliminares referentes à aquisição de morfologia de flexão e de categorias funcionais relacionadas, em aprendizes de segunda língua. A primeira seção discute a Operação Concordância proposta no Programa Minimalista de Chomsky (1995) e a relação entre traços abstratos e realização morfológica. A segunda seção apresenta o problema e análises propostas, subsidiadas pelos estudos de aquisição de segunda língua (L2) com abordagem gerativa. A terceira seção faz um relato dos dados empíricos que corroboram a Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície e a quarta e última seção apresenta as considerações finais.

¹ Mestranda do Programa em Estudos Lingüísticos – POSLIN/ UFMG. Contato: marisaufmg@gmail.com

1- A Operação Concordância

Em muitas línguas, é necessário que haja concordância entre sujeito e verbo. Dentro da proposta presente no Programa Minimalista (Chomsky, 1995), a concordância é vista como uma operação de checagem de traços, denominada operação *Agree*. Na sua implementação original, Chomsky (1995) faz a distinção entre traços (pessoa, número e gênero) interpretáveis e não-interpretáveis. Tais traços (denominados traços phi - ϕ) seriam interpretáveis em um nome ou pronome pelo fato de exercerem um papel semântico (como exemplo, um pronome com os traços [3M, SG] é um elemento distinto se comparado a um pronome com os traços [3F, PL]). Estes mesmos traços em um verbo são considerados não-interpretáveis, pois não guardam nenhum significado semântico (Radford, 2004).

A idéia é a de que, pelo fato de traços não-interpretáveis não terem valor semântico, deveriam desaparecer durante a derivação; isto é, a estrutura sintática deve conter apenas traços interpretáveis para que seja interpretada pela interface semântica – Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation Principle*) (Adger, 2003: 85). O desaparecimento destes traços pode ocorrer quando uma relação de concordância com um elemento que tenha os mesmos traços é estabelecida. Logo, um verbo finito que apresenta uma série de traços ϕ não-interpretáveis tentará concordar com um sintagma nominal que possua traços ϕ interpretáveis. Se a relação de concordância for estabelecida de maneira satisfatória, os traços não-interpretáveis do verbo desaparecerão. Se, por alguma razão, os traços não-interpretáveis não puderem desaparecer, a derivação não converge.

De acordo com Magalhães (2004), a teoria de checagem de traços de Chomsky (1995) acontece por meio do movimento dos traços, que são atraídos por uma sonda que

possui traços não-interpretáveis. Esta relação de checagem se dá por meio da operação *Agree*, estabelecida entre uma sonda (*probe*) e um alvo (*goal*). A sonda seria o elemento que possui traços formais não-interpretáveis e precisam, portanto ser apagados ²; o alvo é o elemento que possui traços formais interpretáveis, isto é, não precisam ser checados porque são lidos pela interface semântica.

É necessário que os traços não-interpretáveis sejam valorados pela sintaxe antes que a estrutura seja enviada para a interface fonológica (PF) para ser pronunciada (*Spell-out*). É na sintaxe que os traços são valorados, pois se isto não acontecer, a interface fonológica não conseguirá determinar qual será a forma morfofonética a ser realizada (Radford, 2004).

1.1 Relação entre traços abstratos e realização morfológica de flexão

De maneira distinta ao português, que possui formas verbais distintas para a flexão, a língua inglesa apresenta morfologia de flexão restrita. A concordância não é marcada morfológicamente nos verbos em inglês, com exceção da terceira pessoa do singular do presente (-s). A informação gramatical realizada através da flexão é representada por um morfema preso (*bound morpheme*) que é geralmente específico. Além disso, enquanto alguns verbos no passado são marcados pela terminação *-ed*, outros verbos não mostram a marcação morfológica do passado (e.g. *put/ put*) ou a forma do passado mostra mudança nas vogais (e.g. *drink/ drank*). Pode haver ainda o

² Para que um núcleo possa fazer parte de uma relação de concordância, é necessário que ele seja ativo, ou seja, que tenha traços não valorados. Um núcleo ativo tentará validar os seus traços procurando um alvo, isto é, ele tentará achar um elemento que tenha os mesmos traços, mas que já tenha valor atribuído. Se tal elemento é encontrado, os traços ativos da sonda receberão valor a partir do valor dos traços do seu alvo. Logo, os traços assim valorados podem ser apagados.

suprimento de uma forma para a configuração de passado do verbo (e.g. *go/ went*). (White, 2003b).

Deve-se estabelecer a distinção entre morfossintaxe abstrata e sua forma de superfície para que se considerem as implicações da variabilidade morfológica. Vários autores (Grondin e White, 1996; Hyams e Safir, 1991; Lardiere, 2000; Lardiere e Schwartz, 2001, citados por White, 2003b) fazem a distinção entre traços abstratos, tais como tempo e concordância e como estes são realizadas morfológicamente. Não há uma correspondência direta entre a representação abstrata e a sua forma de superfície, forma esta que varia entre diversas línguas (White, 2003b). A tabela abaixo exemplifica a realização morfológica de categorias funcionais e seus traços abstratos relacionados:

Categoria funcional	Características morfosintáticas abstratas	Realização morfológica de superfície em Inglês
Infl	± tempo/finito; ± passado; traços ϕ (pessoa, número)	-s; -ed; \emptyset
Comp	± wh	That; whether; \emptyset
Det	± definido; ± plural	a; the; \emptyset

Tabela 1 –Categorias funcionais e traços morfosintáticos em inglês (White 2003b: 180).

Na língua inglesa, apesar da ausência de morfologia explícita, há evidência de Infl (categoria flexão) e traços de tempo e concordância relacionados. No exemplo *I sing*, apesar de não haver realização morfológica explícita, o verbo carrega os traços de pessoa (primeira), número (singular) e tempo (- passado). Esses traços, apesar de não serem visíveis sob a forma de afixação, ainda assim estão presentes. Já o exemplo **he sing* é considerado agramatical, uma vez que há discordância entre a forma do verbo (primeira ou segunda pessoas) e o pronome (terceira pessoa). Isto sugere que os traços descritos anteriormente estão presentes, apesar de não explicitamente (White, 2003b). De maneira semelhante, como veremos mais adiante, a ausência de morfologia de flexão não implica na ausência de categorias ou traços abstratos.

2- O Problema

A flexão de morfemas presos na língua Inglesa, tais como o *-s* da terceira pessoa do singular, *-s* de plural e *-ed* do tempo passado representam fonte de dificuldade para aprendizes adultos de inglês como segunda língua (L2) (Garavito, 2004; White, 2003a; Lardiere, 1998a,b; Haznedar, 2003; Ionin e Wexler, 2000, 2002; Jiang, 2004; Prévost e White, 2000; Fleta, 2003). Estudos mostram haver variabilidade na produção de morfologia de flexão verbal de L2 de falantes de línguas como o turco, espanhol e russo (ricas em flexão verbal) e o chinês (pobre em flexão verbal) como L1 (língua materna), como mostram as seguintes sentenças:

- (1) *Dinosaur **turn** back and **drink** water – L1 turco (Haznedar, 2003)*
- (2) *The clever pig **is build** a house of bricks - L1 espanhol (Fleta, 2003)*
- (3) *He **is want** go up then – L1 russo (Ionin e Wexler, 2000)*
- (4) *One time I **watch** this movie [I watched this movie once] - L1 russo (Ionin e Wexler, 2002)*
- (5) *She **give** me a lot of help - L1 chinês (Lardiere, 1998)*
- (6) *Sometimes he **go** out... to play with his friends – L1 turco (White, 2003).*

É interessante notar que essa variabilidade está presente tanto em aprendizes em estágios iniciais de aquisição quanto em aprendizes que se encontram em um estado estável de sua interlíngua (White, 2003b). Várias hipóteses tentam explicar este fenômeno, relacionando-o a diferenças no ajuste paramétrico, transferência lingüística, ou falha na representação abstrata de categorias funcionais. Não há, portanto, consenso no que se refere às possíveis causas de tal variabilidade.

2.2 – Perspectivas teóricas para a variabilidade flexional

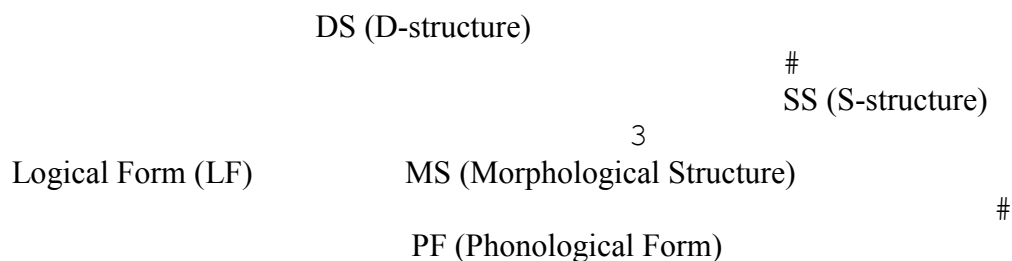
Perspectivas diferentes tratam da interface morfologia/ sintaxe presente nas gramáticas de interlíngua. Em uma perspectiva, a variabilidade é explicada em termos

de representação gramatical. Assim, a variabilidade morfológica seria reflexo de (i) um fenômeno de desenvolvimento, onde não haveria a representação de certas categorias ou traços abstratos nos estágios iniciais de aprendizagem, sendo adquiridos posteriormente ou (ii) déficit gramatical permanente. Para esta perspectiva, a ausência de formas de flexão sugere que as projeções funcionais também estão ausentes (Vainikka e Young-Scholten, 1996) ou inertes (Prévost e White, 2000). Meisel (1997), citado por Ionin e Wexler (2002) encontrou verbos não-finitos em posições finitas e formas finitas em posições não-finitas ao investigar a aquisição de alemão como L2. A conclusão é de que não haveria distinção de finitude na representação interlingual dos aprendizes investigados, indicando déficit global dos traços relacionados. Já Beck (1998) e Eubank et al (1997) citados em Ionin e Wexler (2002) sugerem que as categorias funcionais tempo e concordância estão presentes na representação do aprendiz, havendo, no entanto, problemas em relação à força dos traços.

Na segunda perspectiva, a representação abstrata dos traços morfossintáticos estaria presente desde o início, e a representação sintática estaria intacta (*unimpaired*). Poderia haver, entretanto, uma falha na relação entre partes da gramática, resultando em não acesso à morfologia necessária, mesmo quando esta já foi adquirida (Prévost e White, 2000; White, 2003b). Essa perspectiva, conhecida como Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície sugere que o conhecimento da morfologia, apesar de presente, estaria temporariamente inacessível, em razão de problemas no processamento e pressão comunicativa. O problema estaria na realização de uma forma em particular em um dado contexto e não na representação abstrata do conhecimento em questão (Jiang, 2004)

2.2.1 Morfologia Distribuída

De acordo com a Hipótese de Ausência de Flexão de Superfície, um problema de mapeamento entre traços abstratos e formas morfológicas de superfície estaria envolvido na variabilidade morfológica na L2. A formulação para este problema de mapeamento baseia-se na proposta de Halle e Marantz (1993), conhecida como Morfologia distribuída (MD), cuja organização básica pode ser visualizada abaixo (Halle e Marantz, 1993: 114):



A organização básica adotada é de uma gramática de ‘princípios e parâmetros’, com um nível adicional (MS) de interface entre sintaxe e fonologia. De fato, MS é uma representação sintática que é parte da fonologia, onde a fonologia é vista como o componente interpretativo que realiza a representação sintática fonologicamente³.

Para a MD⁴, as entradas que constituem o Vocabulário de uma língua são compostas de dois conjuntos distintos de traços: fonológicos e morfossintáticos/semânticos. A atribuição de traços fonológicos aos feixes de traços morfossintáticos

³ A sintaxe consiste de um conjunto de regras que gera a estrutura sintática, que por sua vez está sujeita a operações subseqüentes na derivação nos níveis PF e LF (cf. Embick e Noyer, 2005). Toda palavra é formada por meio de operações sintáticas – juntar e mover (*merge* e *move*). Entretanto, em casos mais complexos, processos adicionais em PF podem modificar e elaborar estruturas sintáticas de maneira limitada. Morfologia é o termo usado para designar este conjunto de processos que são relevantes para a formação de palavras; por exemplo, requisitos específicos da língua em PF poderiam forçar a introdução de traços e nós terminais na estrutura sintática.

⁴ O termo Morfologia Distribuída se deve ao fato de que alguns aspectos da formação de palavras são oriundos de operações sintáticas (como movimento de núcleo) que ocorrem na sintaxe própria, enquanto outros aspectos são oriundos de operações que ocorrem no componente PF. No entanto, os processos que ocorrem em PF não constituem um sistema gerativo separado, somente realizando modificações restritas em estruturas geradas pela sintaxe (Embick e Noyer, 2005).

acontece pós - sintaticamente, não criando ou determinando os elementos terminais que são manipulados pela sintaxe.

Os traços fonológicos são atribuídos aos morfemas no nível MS por meio da inserção de Vocabulário. Para que uma determinada entrada de Vocabulário seja inserida em um morfema em SS, nenhum dos seus traços morfossintáticos pode estar em conflito com os traços morfossintáticos presentes em SS. Isto quer dizer que a entrada deve conter um subgrupo dos traços morfossintáticos do nó terminal. Assim, os afixos fonológicos que fazem parte de palavras complexas são subespecificados em relação a seus traços morfossintáticos. Dessa maneira, não é necessário que os traços fonológicos carreguem todos os traços necessários para explicar o comportamento sintático das palavras que deles se originam; eles podem estar especificados somente para determinar qual morfema é inserido em um dado nó terminal (Halle e Marantz, 1993).

Uma conclusão que se segue a esta proposta é a possibilidade de uma entrada de Vocabulário ser inserida em um nó mesmo que alguns de seus traços estejam ausentes ou parcialmente especificados. Para Prévost e White (2000), os aprendizes de uma L2 adquirem os traços gramaticais do nó terminal na sintaxe através da L1, GU ou insumo da L2, mas eles podem não ter adquirido completamente as especificações dos traços dos itens lexicais associados. Os autores propõem que enquanto na gramática do adulto as formas não-finitas são especificadas como [-finito] e as formas finitas como [+finito], na gramática de interlíngua as formas não-finitas podem ser inseridas em um nó que traz um traço [+finito] devido a uma falha na correspondência dos traços na gramática de L2. As formas finitas, por sua vez, são totalmente especificadas como [+finito] e conseqüentemente aparecem em contextos finitos. Pode-se dizer então que, com base

nesta análise, não há déficit sintático na gramática de interlíngua (Prévost e White, 2000; Haznedar, 2003).

3- Dados empíricos

Vários estudos investigaram a relação entre morfologia explícita e representação abstrata da categoria Infl. Ionin e Wexler (2000, 2002) investigaram a aquisição das categorias tempo e concordância na segunda língua de crianças russas. Os autores sugerem que a variabilidade encontrada seria o reflexo de problemas relacionados ao mapeamento morfológico das representações abstratas para a na forma de superfície, estando também associada a dificuldades na aprendizagem de afixos de flexão específicos⁵.

Além de mostrarem alta frequência de uso das formas do verbo *to be*, as crianças russas do estudo de Ionin e Wexler produziram supergeneralizações, onde formas do *to be* ocorriam em sentenças contendo uma forma não flexionada de um verbo lexical. Os autores levantam a possibilidade do uso supergeneralizado do *to be*⁶ ser uma forma de marcar tempo e/ ou concordância, já que a flexão por suprimimento seria adquirida primeiramente.

O estudo de Prévost e White (1999) citado por Ionin e Wexler (2000) onde os sujeitos eram aprendizes adultos de francês e alemão mostrou que os aprendizes frequentemente inseriam verbos não-finitos em posições finitas, mas raramente inseriam

⁵ Em uma revisão das pesquisas sobre ordem de aquisição de morfemas realizada na década de 70, Zobl e Liceras (1994) mostram que há evidências que as formas do verbo *to be* são adquiridas antes dos sufixos de concordância. Isto quer dizer que os aprendizes de inglês como L2, independente de sua L1, adquirem os morfemas de suprimimento antes do *-s* do presente e *-ed* do passado. Baseado nestes achados, Zobl e Liceras sugerem que as projeções funcionais estão presentes em estágios iniciais de aquisição, sendo exemplificadas pelo uso das formas do verbo *to be*.

⁶ O estudo de Fleta (2003) sugere que as formas não-flexionadas dos verbos lexicais seriam marcadoras de informação lexical, enquanto que a inserção de formas de *be* (*'m, is, are, was, were*) expressaria a informação sintática.

verbos finitos em posições não-finitas. O fato de que aprendizes adultos de L2 tratam as formas não-finitas como finitas em termos do seu posicionamento levou Prévost e White a argumentar que as formas não flexionadas são na verdade formas finitas⁷. Isto quer dizer que tempo e concordância estão presentes na gramática de L2, mas que os aprendizes enfrentam dificuldades na realização morfológica. Assim, quando o aprendiz não sabe qual forma deve ser empregada, ele recorre à forma *default* não-finita. (Ionin e Wexler, 2000).

Outros estudos (Lardiere, 1998a, b; Haznedar, 2003; White, 2003a) investigaram a variabilidade morfológica na L2. Apesar de variável, a produção dos aprendizes mostrou consistência em relação a propriedades sintáticas relacionadas à Infl, tais como marcação de Caso nominativo e posição do verbo dentro do VP. Os resultados destes estudos sugerem que a variabilidade morfológica encontrada não reflete falhas na representação de categorias funcionais, traços ou força dos traços (White, 2003a).

Aprendizes de inglês em estágios iniciais, falantes de português brasileiro também apresentam variabilidade de uso de flexão verbal. Em dados coletados informalmente para o estudo piloto⁸, GB⁹ produziu formas verbais flexionadas e não flexionadas, às vezes na mesma oração (todas as sentenças abaixo são parte de uma narrativa em contexto passado):

(7) *I have time in the hairdresser at 9 am*

⁷ O estudo de Prévost e White (2000) investigou a aquisição de alemão e francês (línguas ricas em flexão morfológica verbal) por falantes nativos de inglês. A sugestão de que as formas não finitas que aparecem em contextos finitos são de fato formas finitas sem flexão decorre do fato de que em francês e em alemão as formas flexionadas sobem para Infl, ao passo que as formas não finitas permanecem *in situ* (no VP). Dessa forma, verbos finitos ocorrem antes da negação (*pas* em francês e *nicht* em alemão). Os dados mostram que, com poucas exceções, formas finitas ocorreram após negação. Além disso, formas finitas raramente permaneceram *in situ*. Logo, as formas não finitas que ocorreram em contextos finitos são consideradas como formas finitas com flexão ausente. Em línguas como o francês e alemão, onde há distinção morfológica entre formas finitas e não finitas, é possível visualizar de forma clara a ocorrência de formas finitas sem flexão em contextos finitos devido às propriedades sintáticas da língua.

⁸ Dados gravados e transcritos, ainda não quantificados. Interações espontâneas, iniciadas pelo aprendiz.

⁹ Aprendiz de inglês, sexo feminino, 50 anos, aproximadamente 120 horas de instrução formal de língua inglesa.

- (8) *It's near where I **stop** the car*
- (9) *I **return** to my car and took my slippers and when I **close** the door again (...)*
- (10) *I **went** to the hairdresser and **wait** to my time. And then I **remember** my phone.*
- (11) *I put my money in my pocket and **see** the bag and I **remember** I forgot the car when I **get** my wallet and **return** the car (...). I don't repair in the moment because I was more worried with my wallet.*
- (12) *I will travel to Rio on Monday because in Friday I didn't go...I didn't... is not necessary to go to Rio but on Saturday night My boss called me and (...)*
- (13) *Then my boss called the operation and the man **tell** him my telephone number and he told me I **have** to go to Rio on Monday.*
- (14) *In this night we didn't sleep and this a problem because I **stay**.. I **have**.. no.. I was late for my time in the hairdresser.*
- (15) *I didn't have control of the situation.*
- (16) *I broke two teeth and this is more or less. (this= this one)*
- (17) *After half past nine the dentist called me because I didn't take the medicine, then I **take** and then it's better.*
- (18) *I go to.. I went to movie and I **walk**; I think I **stay** quiet because I went to the movie. Yesterday I see I saw The Queen. Very nice.*

Ao mesmo tempo em que há ausência de inserção de *-ed* aos verbos, GB produziu formas apropriadas do passado tanto em verbos irregulares como regulares, como visto em (9), (10), (11), (12), (13) e (17). Em (13), formas de passado e não-passado ocorreram para o mesmo verbo (*tell*) na mesma oração. Em (18), GB se auto corrige, produzindo a forma de passado imediatamente após ter produzido uma forma de presente. Com exceção do exemplo (11), GB mostra certa consistência e faz uso do auxiliar de passado de forma apropriada, como visto em (12), (14), (15) e (17).

Em relação ao tempo presente, a maioria das sentenças produzidas por GB teve *-s* ausente:

- (19) *I think he **think** is only the PDA because the pda is a little computer.*
- (20) *My worry is to do everything ok, to person who **stay** here or in the other company who **work** for TTT, stay ok.*

Não houve desvios em relação à marcação de Caso nominativo e posição do verbo. GB parece ter conhecimento de que o verbo em inglês deve permanecer no VP e que Caso nominativo é atribuído pela categoria Infl (ou T). A sugestão é de que as formas sem flexão seriam formas finitas, uma vez que a marcação de Caso foi feita de

maneira adequada. Além disso, não foram encontrados nos dados analisados formas verbais de terceira pessoa em contextos de primeira ou segunda pessoa, tanto para verbos lexicais quanto para o verbo *to be*.

4- Considerações finais

A variabilidade de flexão morfológica de aprendizes de segunda língua é uma questão ainda não resolvida. As pesquisas de aquisição de segunda língua de cunho gerativista apontam para duas direções distintas: uma, onde há a sugestão de que as falhas em produzir a flexão seriam reflexo de um problema na representação gramatical abstrata das categorias funcionais envolvidas e outra que vê a ausência de flexão como reflexo de um problema na interface.

A aplicação dos pressupostos teóricos da MD parece ser capaz de dar conta do fato de que flexões ausentes co-ocorrem com o uso de flexões, uso este que se dá de forma adequada, uma vez que a teoria trata a entrada de vocabulário como possuindo um feixe de traços que não precisa estar necessariamente totalmente especificado para ser inserido em um nó da sintaxe. É interessante notar, no entanto, que flexões ausentes co-ocorrem com formas flexionadas. Seria ainda interessante observar se há uma relação entre outros traços do item e a forma sem flexão, isto é, se a forma subespecificada apareceria em contextos específicos onde outros traços também estão presentes ou igualmente subespecificados ou ainda se haveriam influências do modo como determinados traços são instanciados morfológicamente na L1. A idéia de que pode haver contextos condicionantes para a variabilidade morfológica representa uma possibilidade de investigação das causas e implicações da ocorrência de flexões ausentes ou variabilidade morfológica na aquisição de L2.

5- Referências

ADGER, D. *Core Syntax: A minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003. pp. xiii+424.

CHOMSKY, N. *The Minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1995.

EMBICK, D. E NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. University of Pennsylvania, 2005.Ms.

FLETA, T. Is-Insertion in L2 Grammars of English: A Step Forward between Developmental Stages? In *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, ed. Juana M. Liceras et al., 85-96. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2003.

GARAVITO, J. B. Acquisition of the Spanish Plural by French L1 Speakers: the role of transfer *IN The role of features in second language acquisition*. Liceras, Zobl & Goodluck (eds.). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum. 2004.

HALLE, M. e MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. IN *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, K. Hale and S.J. Keyser (eds.), 111-176. Cambridge, MA: MIT Press. 1993.

HAZNEDAR, B. Missing Surface Inflection in Adult and Child L2 Acquisition. IN *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, ed. Juana M. Liceras et al., pp. 140-149. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2003.

IONIN, T. e WEXLER, K. L1-Russian Children Learning English: Tense and Overgeneration of *Be*. IN *Proceedings of SLRF 2000*, Bonch-Bruevich et al (eds.), Cascadilla Press, 2000. pp. 76-94.

IONIN, T. e WEXLER, K. Why is 'is' easier than '-s'? acquisition of Tense/agreement morphology by child second language learners of English. *Second Language Research* 18, 2002, pp. 95–136.

JIANG, N. Morphological insensitivity in second language processing. *Applied Psycholinguistics* 25, 2004, pp. 603–634.

LARDIERE, D. Case and tense in the 'fossilized' steady state. *Second Language Research*, 14, 1998a, pp.1–26.

LARDIERE, D. Dissociating syntax from morphology in a divergent L2 end-state grammar. *Second Language Research*, 14, 1998b, pp. 359–375.

MAGALHÃES, T. A valoração dos traços de concordância dentro do DP. *DELTA*, 20:1, 2004, pp.149-170.

PRÉVOST, P. e WHITE, L. Missing surface inflection or impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement. *Second Language Research* 16 , 2000, pp.103-133.

RADFORD, A. *Minimalist syntax: exploring the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 512p.

VAINIKKA, A. e YOUNG-SCHOLTEN, M. Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research* 12, 1996, pp. 7–39.

WHITE, L. Fossilization in steady state L2 grammars: Persistent problems with inflectional morphology. *Bilingualism: Language and Cognition*. 6 (2), 2003a, pp.129–141.

WHITE, L. *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b.

ZOBL, H.e LICERAS, J. Functional categories and acquisition orders. *Language Learning* 44:1, 1994, pp. 159-180.